

# Machado de Assis, o gênio na gaiola do racismo

» ANDRÉ RICARDO NUNES MARTINS

Jornalista, membro da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira-DF)

Joaquim Maria Machado de Assis é um dos gênios da literatura brasileira, tendo contribuído na poesia, no romance, no conto, no teatro, na crônica e na crítica. Também liderou a criação da Academia Brasileira de Letras, sendo seu primeiro presidente. Sua figura ímpar cresce ainda mais quando lembramos seu contexto de vida. Autodidata, contou basicamente com seu talento, inteligência e garra pessoal para vencer na vida, sendo de família pobre, mestiço numa sociedade em que o racismo fechava portas e limitava caminhos.

Reafirmo a grandeza e a identidade afro-brasileira do escritor ante a narrativa parcial, toscamente condescendente, pela qual houve contribuição de escravizados e seus descendentes em áreas como culinária, formação do léxico, técnicas agrícolas, ritmos musicais, religião e capoeira. Com Machado de Assis, Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, André Rebouças, José do Patrocínio e tantos outros — para ficar apenas no século 19 e em poucos expoentes — a presença e o brilhantismo de afro-brasileiros ocorrem também em espaços de prestígio, reservados às elites escravocratas.

Não obstante, Machado de Assis foi um escritor afetado pela cultura racista. Em sua obra, o protagonismo negro é esquecido. Sabe-se que, naquela época, havia afro-brasileiros empreendedores e profissionais liberais, como o engenheiro André Rebouças, que era próximo da família imperial. Por outro lado, Machado chegou a elaborar tipos femininos complexos e interessantes, dando-lhes preminência, malgrado o caráter machista e patriarcal da sociedade brasileira.

Na obra machadiana, porém, afro-brasileiros estão apenas nos lugares subalternos. São escravizados, alforriados, empregados domésticos, prestadores de serviço. Aliás, um e outro ganham nome. O paternalismo e a condescendência com que são tratados fixam padrão visto até hoje em nossas novelas. “Morava só; tinha um escravo da mesma idade que ele, e cria da casa do pai — mais irmão do que escravo, na dedicação e no afeto” (*A mulher de preto* in *Contos fluminenses*, p.65 — para todas as citações aqui: Ed. Globo, 1997). E ainda: “Raimundo, nove anos mais velho que o senhor, carregava-o ao colo e amava-o como se fora seu filho. Vendo-se livre pareceu-lhe que era um modo de o expelir de casa, e sentiu um impulso atrevido e generoso. Fez um gesto para rasgar a carta de alforria, mas arrependeu-se a tempo. [...] Luís Garcia não dava ordem nenhuma; tinha tudo à hora e no lugar competente” (*Iaiá Garcia*, p.3).

Paternalismo imitado por alforriados. Prudência, liberto, compra um escravo para si, mas não tolera abusos e intervém para impedir um espancamento em plena via pública (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Cap. 68). No conto *Pai contra mãe* (*Relíquias de Casa Velha*), faz-se boa contextualização da ambiência escravocrata. Certa descrição de traços

psicológicos de um escravizado lembra-nos o que até recentemente dizia-se de mulheres vítimas de abusos físicos. “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada e nem todos gostavam de apanhar pancada” (id: p.3). Explicitarei os subentendidos: i) muitos escravos gostavam da escravidão; ii) alguns deles gostavam de apanhar. E castigos físicos não eram frequentes mas eventuais, o que contraria registros na literatura e fora dela.

Em *Memórias Póstumas*, há um tipo esquivo. “O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio

requeria e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais” (id.:p.175) Eis aí: (i) A perversidade associada ao escravizado, não ao torturador; (ii) Fugir à servidão é vício e não virtude; (iii) A escravidão como mero “negócio”; (iv) Pegar pesado com quem sai da linha é só “puro efeito de relações sociais”.

Que não se confunda criatura e criador é precaução básica. Que a prosa fique restrita a certos enfoques e tipos evidencia as limitações do escritor. Ora, já então Firmina dos Reis abordava a temática negra, e explorava a causa do momento. Pelo que vemos em seus escritos, Machado não cerra fileiras no movimento abolicionista, nem se irmana a expoentes afro-brasileiros e brancos ou à estudantada das Faculdades de Direito. Lamentavelmente, o que devia ser datado é crítica atualíssima, gaiola em que se encerram expoentes atuais de nossas literatura e teledramaturgia.



## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Frente Parlamentar contra a jogatina

Ainda é cedo para sabermos, ao certo, se a notícia de que o Senado se oporá fortemente à aprovação dos jogos de azar e à volta dos cassinos, como deseja uma ala muito suspeita dentro da Câmara dos Deputados, e, mais do que isso, vetar, matar e enterrar, definitivamente, essa proposta que parece feita sob medida apenas para o estabelecimento de um banco oficial para crime organizado lavar o dinheiro proveniente de práticas ilegais.

A aprovação de uma Frente Parlamentar por um Brasil sem Jogos de Azar, nesta semana, dentro do Senado, prometeu reunir número suficiente para barrar a aberração. Para isso, um Projeto de Resolução do Senado (PRS nº11/2022), de autoria do senador Eduardo Girão (Podemos/CE), obteve, segundo seu autor, número suficiente para a instituição desse novo colegiado e marchará unido contra a liberalização geral da jogatina, conforme prevê o famigerado projeto da Câmara (PL 442/1991) ressuscitado, de modo sorrateiro, pela atual presidência daquela Casa Legislativa.

A ideia, até aqui, é promover debates e outras iniciativas dentro e fora do Senado para, por meio de propostas legislativas, campanhas e outras medidas que desincentivem os jogos de azar. Infelizmente, a gente não tem observado, ainda, qualquer mobilização da sociedade contra esse tipo de proposta. Num país como o nosso, campeão mundial da violência urbana e onde o crime organizado vai, a cada dia, se infiltrando nas instituições do Estado, essa seria uma providência a ser adotada, com urgência, na propaganda oficial, nas escolas, nas igrejas e em toda parte, informando o público dos perigos que essa atividade pode acarretar para a segurança de todos e mesmo para o futuro das novas gerações.

O crime organizado, que parece agir por trás de propostas liberalizantes dessa natureza, controla e domina áreas inteiras das grandes metrópoles, ascendendo em poderio nos milhares de quilômetros de fronteiras seca do país, controlando serviços públicos, atuando em garimpos e nos portos, corrompendo a polícia entre outras atividades criminosas. Dar mais essa facilidade para a supremacia desses criminosos, com a liberação geral de cassinos, quando se sabe do poder cada vez menor das polícias e mesmo diante da leniência de nossa Justiça, incapaz de julgar poderosos, é uma imensa irresponsabilidade, com consequências até piores do que uma guerra.

É preciso, o quanto antes, a veiculação de campanhas contra esse verdadeiro suicídio da nossa sociedade. Uma vez estabelecidos, os cassinos vão se proliferar como moscas, corrompendo, lavando o dinheiro do tráfico de drogas e de armas, facilitando o intercâmbio entre criminosos de outras partes do planeta, tornando nosso país um paraíso, sem igual, para a banditagem internacional e para grupos que agem desde a venda de órgãos humanos até armas de guerra e outras modalidades de comércio criminoso que movimentam quantias capazes de comprar países inteiros de porteira fechada.

Não há qualquer ficção distópica nessas previsões. São possibilidades que se abrem, ainda mais em nosso país, onde a Justiça funciona de forma precária e seletiva. Dizer que os cassinos gerarão empregos e impostos é uma cortina de fumaça a esconder o que está atrás. Não se trata aqui de combater uma atividade nociva apenas, como reforçam os eufemismos correntes. Trata-se, na verdade, de uma cruzada que deve ser feita por toda nação, para que essas autênticas portas do inferno não sejam abertas em nosso país.

Temos problemas, corruptos e leniência de sobra. O que nos falta são escolas de qualidade, hospitais e cidades seguras, varridas de todo o lixo humano. Dessem-se ao trabalho de investigar a fundo e de perto todos aqueles que defendem a volta dos cassinos, por certo, encontraríamos um bom número de parlamentares ou implicados com as leis, ou em vias de virem a sê-los.

## Cinco anos de adiamento

» JOSÉ HORTA MANZANO

Empresário e blogueiro

Na Europa, desde a derrota do nazifascismo, ao final da Segunda Guerra, as ideias da extrema direita foram guardadas em geladeira. Não é que tenham sido erradicadas, longe disso. A capacidade do ser humano de armazenar baixos instintos é infinita. É que, durante as décadas seguintes, toda alusão a essas ideias trazia lembranças dolorosas a uma população que havia presenciado a guerra e seu cortejo de morte e miséria. Por longos anos, nada que pudesse trazer à memória bombardeios e privações teve lugar à mesa.

O tempo passou e a geração que havia assistido ao desastre provocado por ideias extremistas foi pouco a pouco desaparecendo. No entanto, mesmo com o rareamento de testemunhas oculares, a ressurgência do extremismo de direita continuou tímida: uma ameaça de surto aqui, outro acolá, nada mais. Nem a débâcle da União Soviética e o abandono da doutrina comunista foram capazes de sacudir o torpor da direita extrema.

Desde sempre, ideias de retraimento, de fechamento sobre si mesmo, de defesa de uma hipotética pureza étnica, de cerceamento à livre circulação, de hermetismo diante da imigração circularam em surdina. Mas permaneceram subjacentes, como bomba à espera de um detonador. Um dia, sem que ninguém tivesse antecipado, surgiu o estopim. Veio personificado no dirigente do país mais poderoso do planeta. Chamava-se Donald Trump.

Os que votaram por sua reeleição devem julgar que foi bom presidente. Já os 7 milhões de

votos de diferença com que Joe Biden o superou amortecem essa percepção. Na política externa, o homem fez estragos. Pirotecnia, como a que pôs em prática com o dirigente da Coreia do Norte, nem sempre é o melhor caminho para resolver problemas internacionais.

O pior legado de Trump foi, sem dúvida, sua adesão explícita à doutrina do fechamento sobre si mesmo, escancarada pela tentativa de construção de um muro de contenção na fronteira por onde entram os indesejados. Sua desenvoltura desinibiu movimentos subterrâneos ao redor do mundo, que criaram coragem para se expor à luz do meio-dia.

Dirigentes de figurino abertamente reacionário — como o italiano Salvini, o húngaro Orbán, o esloveno Jansa e o próprio Bolsonaro — não teriam se sentido tão à vontade para subir ao palco se Trump não lhes houvesse antes carpiado o terreno. A expressão é batida, mas continua verdadeira: Trump abriu a caixa de Pandora. Os males lá trancafiados despertaram de um torpor de sete décadas.

Comparado com o de outros países da Europa, o sistema político francês é sui generis. Por um lado, o presidente da República, eleito pelo sufrágio popular direto, detém poder muito grande, herdeiro que é de um rei guilhotinado há dois séculos. Por outro lado, o voto distrital puro aliado a um bipartidarismo de facto tendem a dar ao presidente maioria no Parlamento, tornando-o (quase) tão poderoso como os reis do passado.

A campanha eleitoral francesa foi acompanhada com lupa pela União Europeia. De fato, caso a vitória fosse favorável à extrema direita de Marine Le Pen, a Europa, como a conhecemos, deixaria de existir. Embora a candidata extremista tenha suavizado o discurso e arredondado os ângulos de seu programa, mantinha a firme intenção de retirar seu país da Otan e da União Europeia. Mais que isso, tencionava pôr fim à livre circulação das gentes, restabelecer os controles nas fronteiras, abandonar o euro, ressuscitar o finado franco francês. E, para coroar, aproximar a França da Rússia e firmar pacto militar com Putin.

Se a União Europeia resistiu ao Brexit, não resistiria à saída da França — membro fundador, o maior em superfície, o segundo em economia, o único detentor de armamento nuclear. Para Vladimir Putin, uma vitória de Madame Le Pen seria notícia estúpida. Seria prenúncio do enfraquecimento e talvez do desmonte da União Europeia, sonho acalentado por Moscou. Seria um revés para a Otan, organização que é pedra no sapato de Putin.

Esta vez, passou. Mas foi por pouco. O mundo democrático ganhou cinco anos de adiamento, a duração do novo mandato de Macron. Em 2027, voltamos a conversar. Se um conflito nuclear não tiver extinto a humanidade.

### » A frase que foi pronunciada

“Sorte é o que acontece quando a capacidade encontra a oportunidade.”

Sêneca

### Pequeno Polegar

» Preparem-se para curtir o Dia das Mães, de 3 a 6 de maio, na SHIS QI 5 Chácara 96. O Bazar do Polegar está cheio de ofertas e produtos artesanais de encantar os olhos.

### Casa do Piano

» Mais um concerto brilhante promovido pela Casa do Piano, com o apoio de Rogério Resende. Dessa vez, interpretando a *Valsa Op.13 Nº 2*, de Alberto Nepomuceno, o engenheiro e pianista Alexandre Romariz. Acompanhe no *Blog do Ari Cunha*.

### » História de Brasília

*Esta é a situação do regime. Os ministros vêm a seu gabinete de trabalho uma vez por semana, e passam o resto dos dias no gabinete político, atendendo aos contrerretanos no Rio, mandando verbas para seus municípios, fazendo cartas para amigos. Como sempre, faço exceção ao coronel Virgílio Távora, que é um ministro diferente. Trabalha, para espanto geral. (Publicada em 23/2/1962)*